

## Exercícios – Crítica da peça *Experimentos selvagens.br*

Por Daniele Avila Small<sup>1</sup>

A passagem dos artistas de teatro pelo ambiente virtual nos últimos 18 meses trouxe consigo a inflação do uso da palavra experimento. Desconfiados de si mesmos em um universo desconhecido para muitos, artistas de diferentes partes do Brasil recorreram a esta palavra para nomear ou descrever suas peças, como quem pede desculpas ou licença para fazer algo, como diz a palavra, experimental.

Tendo em vista o que pude assistir até agora no 35<sup>o</sup> Festivale, a apresentação de *Experimentos selvagens.br* no dia 29 de outubro às 23h faz uma curva na direção de uma linguagem mais urbana, com um repertório de imagens e procedimentos da cena um pouco distantes de uma ideia mais convencional de teatro.

Neste projeto dirigido por Fabiana Monsalú, vemos principalmente a experimentação falando sobre si mesma, ora de maneira literal, ora espelhada nos dispositivos criativos. O elenco, composto por Andrei Gonçalves, Mauro Moraes, Ricardo Salem e Simone Sobreda, expõe suas tentativas de elaboração poética. O que acompanhamos no trabalho são figuras semi-ficcionais se ocupando do espaço das telas em uma determinada duração, análoga ao que seria a duração de apresentação de uma peça.

---

<sup>1</sup> Daniele Avila Small (Rio de Janeiro, 1976) é artista de teatro, crítica e curadora. Doutora em Artes Cênicas pela UNIRIO (2019), Mestre em História Social da Cultura pela PUC-Rio (2013) e Bacharel em Teoria do Teatro pela UNIRIO (2009). É idealizadora e editora da revista Questão de Crítica e presidenta da seção brasileira da Associação Internacional de Críticos de Teatro (AICT-IATC). Tem se dedicado a projetos de formação, teoria e crítica de teatro desde 2011. Em 2017, estreou na direção com *Há mais futuro que passado – um documentário de ficção*. A dramaturgia foi publicada em edição bilíngue português/inglês pela Editora Javali, em 2018. Atualmente, tem se dedicado a ministrar cursos livres no ambiente virtual do Núcleo FAC, com foco em crítica de teatro e análise de espetáculos brasileiros e de outros países latino-americanos.

Em determinado momento, vemos um exercício sobre a artificialidade: a atriz lê uma notícia imitando a leitura automática do google ou de outros aplicativos. A artificialidade (como a dessa leitura robotizada) colabora para a desautomatização dos sentidos. Ao estranhar as palavras e suas combinações rítmicas nas frases, escutamos de modo diferente aquilo que poderia se considerar naturalizado, banal. Em outras cenas, a relação com o espaço da casa ganha um tratamento inusitado. Assim, imagens a princípio reconhecíveis como cotidianas têm sua condição trivial subvertida em espaço criativo. O tempo, tão pautado pela produtividade, pelo utilitarismo da vida no mundo capitalista, é tratado como uma abundância da qual se pode dispor e desperdiçar com o humor das inutilidades e das tolices. A dramaturgia assinada pelo elenco e por Camila Damasceno é composta de fragmentos, de ideias que não se encaixam em um encadeamento lógico, não obedecem a uma expectativa de progressão ou a uma coerência de construção de sentidos.

Há, sem dúvida, um trabalho elaborado sobre as imagens: a escolha por determinados enquadramentos, os recursos de iluminação semi-caseiros, as samambaias muito bem cuidadas, os efeitos de edição, com suas repetições e multiplicações, cuidadosamente executados na montagem. No entanto, a dimensão de experimento parece estar em uma lógica de exercício mais do que em uma dinâmica de criação. O experimento me pareceu ser *apenas* sobre ele mesmo. Do outro lado da tela, fiquei procurando o que poderia ter ali que fosse de fato endereçado a mim, como espectadora. Não encontrei, a princípio, nenhum ponto de contato.

Na conversa depois da exibição do vídeo, os artistas fizeram questão de marcar que o que eles estão fazendo não é teatro, embora as informações no programa do Festival pontuem que se trata de teatro performativo. Talvez aí esteja a distância. Na programação de um festival de teatro, por mais diversas que sejam as obras dos artistas e as noções de teatro dos espectadores e críticos, o território de encontro é o teatro. Não imagino que outro tipo de festival acolheria as obras como as que os artistas da cena estão fazendo no universo online sem um repertório prévio de experimentação audiovisual, a não ser como programação de teatro online – como aconteceu por exemplo, na CINE-BH de 2020. Um experimento em cinema ou vídeo-arte demanda um repertório de cinema ou vídeo-arte, uma inserção naquela cultura, que tem sua própria história, suas premissas, suas

questões. O que pude ver em *Experimentos selvagens.br* foram repertórios poéticos do teatro (contemporâneo, expandido, performativo) fazendo uso de câmeras, técnicas de montagem e streaming para chegar a alguns espectadores a partir de computadores e celulares. Na crise de não ser teatro, na defesa de ser algo ainda não nomeado, talvez tenha ficado também por nomear o desejo de relação com quem está, curiosamente à espera, do outro lado das telas. O que se está experimentando, afinal?